



*Identidade!* é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

**O "SER-NO-MUNDO" E OS  
"UTENSÍLIOS  
DEVOCIONAIS": UMA  
ANÁLISE MATERIAL DO  
"CRUZAMENTO" DE AMULETOS  
PELOS "PRETOS VELHOS" NA  
UMBANDA A PARTIR DA  
FENOMENOLOGIA  
HEIDEGGERIANA**

**THE "BEING-IN-THE-WORLD" AND  
"DEVOTIONAL UTENSILS": A  
MATERIAL ANALYSIS OF THE  
"CROSSING" OF AMULETS BY "PRETOS  
VELHOS" IN UMBANDA FROM  
HEIDEGGERIAN PHENOMENOLOGY**

**Victor Pereira Aversa**

Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP e doutorando em Ciência da religião pela PUC-SP. São Paulo, SP, Brasil. Contato: victor.aversa.cre@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo traz a análise de uma prática da Umbanda conhecida como "cruzamento", que é um tipo de consagração feita por um "guia espiritual" sobre um amuleto ou qualquer tipo de objeto material, conferindo a este um *status* de "sagrado". A análise a seguir foi feita a partir da perspectiva da cultura material, tomando como ferramenta teórica a fenomenologia heideggeriana que, a partir de uma contemplação teórica dos entes mundanos, se preocupa em abordar a relação entre esses entes e os indivíduos (o Dasein) no mundo. Por fim, foi possível observar, a partir desta análise, que esta relação do indivíduo com os fenômenos religiosos estudados se dá por meio do corpo, ou seja, da materialidade. São conhecimentos e tradições que se perpetuam por meio, não de uma escritura, mas pela cultura oral e pela materialidade do corpo do adepto.

**Palavras-chave:** Cultura material. Religião material. Umbanda. Fenomenologia.

**Abstract:** The current article analyzes the Umbanda practice known as "crossing", which is a type of consecration made by a "spiritual guide" on an amulet or any type of material object, giving it a status of "sacred". The following analysis was made from the perspective of material culture, using Heidegger's phenomenology as a theoretical tool, which, based on a theoretical contemplation of worldly entities, is concerned with addressing the relationship between these entities and individuals (Dasein) in the world. Finally, it was possible to observe from this analysis that this relationship between the individual and the religious phenomena studied occurs through the body, that is, through materiality. They are knowledge and traditions that are perpetuated, not through scripture, but through oral culture and the materiality of the adept's body.

**Keywords:** Material culture. Material religion. Umbanda. Phenomenology.

## Introdução

A religião, de maneira geral, parece ser percebida como algo que está fora do mundo, ou, pelo menos, algo que tenta traduzir (por meio de símbolos, ritos e dogmas) o que está fora do mundo. Por vezes, a religião também tende a ser interpretada como uma “ligação” do eu, enquanto ser profano e material, a um mundo exterior, superior e “mais verdadeiro” que, diferente da simples mortalidade dos seres humanos, é sagrado.

A noção cartesiana de um estatuto metafísico da religião, que dá lógica ao que acontece no “mundo material”, pode nos afastar da pluralidade de culturas e religiosidades que estão à disposição para serem ouvidas e conhecidas. Mesmo as religiões de raízes indo-europeias, que têm uma ideia negativa da corporeidade, como se o nascimento (a vinda para este mundo material) fosse um tipo de “queda”<sup>1</sup>, ainda assim possuem uma dimensão material em suas crenças.

Em seu estudo sobre Religião Material, a pesquisadora Patrícia de Souza afirma que as “religiões são vivenciadas sob muitos aspectos materiais e não apenas acreditadas”<sup>2</sup>, isto é, a materialidade é parte essencial da religião, mesmo que determinadas religiões passem pelo crivo da higienização moderna, como é o caso da Umbanda<sup>3</sup>. Portanto, o estudo e a investigação da materialidade presente nas tradições religiosas se mostra cada vez mais importante. Essa importância se dá a partir do momento em que é preciso encontrar diferentes metodologias e perspectivas para o estudo de religiões que não fazem parte da “árvore” indo-europeia das religiões (como dito anteriormente); esse é o caso das religiões de matriz africana.

Tendo definido a perspectiva material, agora temos de optar por um método de estudo, o instrumento que vai nos ajudar a analisar o objeto escolhido. A fenomenologia heideggeriana será este método. Por fim, tendo definido a perspectiva de estudo e o método para esta análise, precisamos escolher um objeto para analisar.

---

<sup>1</sup> DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: Na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 33.

<sup>2</sup> SOUZA, Patrícia Rodrigues de. *Religião Material: o Estudo das Religiões a partir da Cultura Material*. 2019. 188 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019, p. 19.

<sup>3</sup> A respeito desse assunto, o pesquisador Renato Ortiz analisa como essa dinâmica de “embranquecimento” da religião foi acontecendo no decorrer dos anos. Ver em: ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Este objeto será o “cruzamento” de um objeto feito por um Preto Velho na Umbanda. Mas, por que a escolha pela fenomenologia?

Em “Marcha do sujeito devocional”<sup>4</sup>, de Mohan e Warnier, os autores nos chamam a atenção para a possibilidade de um movimento de suspensão de juízo diante da religião, isto é, de colocar em prática a “epoché advogada por Husserl”<sup>5</sup>. Sendo a filosofia de Heidegger moldada a partir do sistema fenomenológico e, portanto, fazendo passar as coisas do mundo pelo processo de “redução”, próprio da fenomenologia, é possível que façamos a nossa análise a partir dessa perspectiva.

O fenômeno é aquilo que é aparente, que se mostra. Ao extrairmos da religião os dogmas, a crença, os textos, os símbolos e as doutrinas, o que nos resta é o fenômeno religioso e seus aspectos materiais, isto é, incluindo aqui a corporeidade e a objetividade do adepto. Deste feito, nos apoiamos na seguinte ideia:

Tome qualquer religião, em qualquer lugar através do tempo e espaço, isto é, qualquer coisa considerada religião de acordo com o senso comum ou conhecimento acadêmico. Para propósito de análise, remova do fenômeno religioso qualquer coisa referente a crenças, credos, dogmas, doutrinas discursos, textos, sermões e conhecimento verbal. Coloque-os provisoriamente entre parênteses. Pratique a epoché advogada por Husserl. Isto nos ajudará a deslocar as crenças de sua evidência natural. Do mesmo modo, remova da religião qualquer coisa que se refira a signos, códigos, significado e símbolos [...] Uma vez que você tenha praticado a epoché que nega as evidências naturais das religiões como crenças e sistemas de signos, o que resta é ao que nós devemos nos referir daqui em diante como cultura material-e-corpórea das práticas religiosas e seus valores práticos ou ‘práxis’ num sistema de agência, ou seja, pelo que eles desejam ou fazem, para e por sujeitos religiosos, através de práticas corporais e cultura material.<sup>6</sup>

Portanto, acreditamos que a fenomenologia heideggeriana possa viabilizar uma análise material, não só dos objetos devocionais e da religião, como também dos corpos envolvidos nessa dinâmica. É preciso ter em vista esses três conceitos para a compreensão da análise que vem a seguir: materialidade, fenômeno e corporeidade. Materialidade, pois é ela quem vai nos fornecer as informações (por meio dos sentidos) necessárias; fenômeno, pois é por ele que iremos acessar os conteúdos do objeto de análise; e por fim, corporeidade, pois é no corpo que estão os sentidos e é

---

<sup>4</sup> Utilizaremos a livre tradução (do original *Marching the devotional subject: The bodily-and-material cultures of religion*) feita pela professora e pesquisadora Patrícia Rodrigues de Souza. Essa tradução tem por finalidade o uso didático e foi utilizada no curso de Religião Material do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP no 2º semestre de 2020.

<sup>5</sup> MOHAN, Urmila; WARNIER, Jean-Pierre. *Marching the devotional subject: the bodily-and-material cultures of religion*. *Journal of Material Culture*, v. 22, n. 4, p. 369-384, 2017, p. 369.

<sup>6</sup> MOHAN; WARNIER, 2017, p. 369-370.

nele que vai se dar todo o contato do sujeito com os objetos no mundo. Como visto em Mohan e Warnier, “o esquema corpóreo não cessa nos limites do invólucro humano. Ele se estende além e inclui objetos. Através da percepção, dos movimentos e das emoções eles se tornam uma parte integral da síntese corpórea e logo, do sujeito”<sup>7</sup>.

### A construção do Dasein e o Ser-no-mundo

O ponto de partida da filosofia heideggeriana é a investigação do ser. Mais do que uma investigação sobre o ser, sua filosofia se baseia na investigação sobre o sentido do ser e da sua desconstrução. Isso porque, segundo o autor, essa pergunta está esquecida, perdida, mesmo que o “significado” do ser esteja sempre tão presente em nosso discurso<sup>8</sup>.

A pergunta sobre o sentido do ser já está ela mesma “dentro de nós”, isto é, faz parte do ser humano se dirigir “com” e “em” direção a essa indagação. Portanto, além da necessidade filosófica já pré-estabelecida diante da questão, ainda há uma necessidade existencial intrínseca a essa formulação. Heidegger, então, vai formular a questão base de sua filosofia (ao menos no que diz respeito ao Ser e Tempo): “qual o sentido de Ser?”<sup>9</sup>

Para responder essa pergunta, ou melhor dizendo, para trilhar o “caminho do sentido de Ser”, Heidegger escolhe a Fenomenologia como método de análise, pois, segundo o autor, a via clássica metafísica não supre a totalidade da questão, visto que se criou um dogma a partir deste viés:

Sobre a base dos pontos-de-partida gregos da interpretação do ser construiu-se um dogma que não só declara supérflua a pergunta pelo sentido de ser, mas além disso sanciona sua omissão. Diz-se: ‘ser’ é o conceito mais universal e o mais vazio e, como tal, resiste a toda tentativa de definição.<sup>10</sup>

Este “dogma”, que é o de considerar a pergunta pelo “ser” já esgotada, também sustenta uma certa “verdade” em si, no que diz respeito ao ser enquanto solução universal para qualquer pergunta existencial. Já pela via da fenomenologia o

<sup>7</sup> MOHAN; WARNIER, 2017, p. 372.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012, p. 33.

<sup>9</sup> HEIDEGGER, 2012, p. 41.

<sup>10</sup> HEIDEGGER, 2012, p. 33.

autor pretende “desconstruir” esse dogma, focando a análise naquilo que se mostra de cada ente, isto é, o “fenômeno”<sup>11</sup>.

Posta a questão sobre o sentido do Ser, definida a fenomenologia como ferramenta de análise, Heidegger, a partir daí, se volta para aquele que se debruça sobre esse problema: nós. Mas, quem somos nós? De onde partimos e de onde questionamos? Benedito Nunes introduz essa temática dizendo que “quem faz a pergunta, colocando essa questão, somos nós mesmos como Dasein. O Dasein, ente que nós mesmos somos, tem a possibilidade de pôr essa questão.”<sup>12</sup>

O Dasein, como citado por Nunes, surge como o conceito-chave para o entendimento desta pergunta pelo sentido do Ser, visto que o próprio Dasein é o “divisor de águas” entre o ente e o ser. Para um melhor entendimento desta divisão entre ser e ente, voltemos nossa atenção para a definição que o próprio autor estabelece para cada um desses conceitos.

O ente seria tudo, qualquer objeto, qualquer coisa que possamos tomar algum tipo de contato. O ente pode ser definido, conhecido, limitado. Segundo Heidegger, “ente é tudo aquilo de que discorremos, que visamos, em relação a que nos comportamos desta ou daquela maneira; ente é também o que somos e como somos nós mesmos.”<sup>13</sup>

Já o Ser é aquilo que “determina o ente como ente”<sup>14</sup>, isto é, o Ser é o que determina o ente, é o que o limita e está acima de qualquer definição por parte do ente. Portanto, somente um ente com a capacidade de se questionar sobre o Ser poderia se questionar, também, pelo seu sentido. A este ente Heidegger atribui o nome de Dasein.

O Dasein é a junção de duas palavras alemãs, sendo elas o “da”, que significa “aí”, e o “sein”, que significa ser. Em uma tradução literal, o termo Dasein pode ser compreendido como o “ser-aí”, isto é, o ente “jogado/atirado” ao mundo. Como explica Marco Antônio Casanova:

Um ente que se ache a princípio absorvido na facticidade incontornável de seu mundo, ao mesmo tempo em que seja marcado por uma relação

---

<sup>11</sup> HEIDEGGER, 2012, p. 101.

<sup>12</sup> NUNES, Benedito. *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 11.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, 2012, p. 45.

<sup>14</sup> HEIDEGGER, 2012, p. 43.

originária e indissolúvel com o ser. Para designar esse ente, Heidegger vale-se em *Ser e Tempo* do termo *ser-aí* (Dasein).<sup>15</sup>

Este ente, o Dasein, compreende a sua existência, diferentemente de qualquer outro ente. O Dasein tende a escolher a forma com que ele “é”, ou, em outras palavras, a existência da Dasein se dá nas múltiplas possibilidades e formas de ser. Segundo a explicação de Paul Gerner sobre o modo de ser do Dasein, “seu ser é de tal maneira que ele precisa escolher o modo de ser, não que ele é, mas como”<sup>16</sup>. Portanto, fica evidente que o Dasein não o é enquanto ente estático que existe no mundo, pelo contrário, o Dasein o é na sua própria existência enquanto ente aberto para diversas possibilidades de ser. Sendo assim, é possível dizer que, segundo Heidegger, o Dasein é o único ente que existe<sup>17</sup>.

Dentre os vários modos de ser do Dasein, está o “ser-no-mundo”, o mais básico desses modos. A relação do Dasein com o mundo é anterior a qualquer tipo de reflexão, ou seja, é um “engajamento pré-reflexivo”<sup>18</sup>. Isso significa que, antes mesmo de uma relação entre sujeito e objeto, o Dasein já está interrelacionado com o mundo, antes mesmo de qualquer noção espacial ou material.

Neste ponto de nossa pesquisa é importante entendermos o que significa o “mundo” para Heidegger, visto que é a partir desta noção que vamos conseguir compreender a relação do Dasein com os outros entes. O mundo, para Heidegger, não é como a totalidade de todas as coisas. Ele (o mundo) “não é a soma total do que existe”<sup>19</sup>. O mundo, nesta perspectiva, se apresenta como um “campo de manifestação dos entes em geral”<sup>20</sup> ou, em outras palavras, é um horizonte no qual há a possibilidade dos entes se manifestarem e virem de encontro ao Dasein, estando sujeitos, dessa maneira, aos diferentes tipos de “comportamentos” do Dasein para com estes entes. Para melhor compreendermos o “mundo” heideggeriano, recorreremos à explicação de Oswaldo Giacoia Jr., em que se diz:

O mundo não é a totalidade dos objetos de representação, atuais ou possíveis; o mundo constitui o ser-o-aí [Dasein], como a ambiência no interior do qual transcorre sua existência irremissível, em diferentes planos de

<sup>15</sup> CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 86-87.

<sup>16</sup> GORNER, Paul. *Ser e Tempo: uma chave de leitura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 35.

<sup>17</sup> GORNER, 2017, p. 36.

<sup>18</sup> NUNES, 2004, p. 14.

<sup>19</sup> GORNER, 2017, p. 47.

<sup>20</sup> CASANOVA, 2010, p. 91.

relação. É no mundo que o ser-o-aí pode ser como um si próprio ou não ser como um si próprio, permanecendo na inautenticidade.<sup>21</sup>

É no mundo, portanto, que os “diferentes planos de relação” vão ocorrer, isto é, os diferentes tipos de relacionamento possíveis entre o Dasein e os outros entes. A existência do Dasein se dá neste “encontro entre os indivíduos e as coisas”, neste “comércio com os outros entes”<sup>22</sup>. Ainda em Giacoia, o autor vai mostrar que esse relacionamento do Dasein com os entes no mundo pode acontecer de três maneiras: um relacionamento Objetivo, um relacionamento de “Trato” ou “Lida” e, por fim, um relacionamento Ético<sup>23</sup>.

O relacionamento objetivo se dá na relação já conhecida entre sujeito e objeto, onde o mundo se torna a “totalidade dos objetos presentes para um sujeito do conhecimento”<sup>24</sup>. A relação de “trato” se dá na “utilização” dos entes pelo Dasein, isto é, são os entes que utilizamos para gerar outras coisas. Esta relação se dá no plano prático/pragmático, e não no teórico. Já a relação “ética” se dá, não no âmbito cognitivo e nem no âmbito “prático-instrumental”<sup>25</sup>, mas sim no âmbito interpessoal.

Para sintetizar o significado de Ser-no-mundo, vejamos a seguinte explicação de Giacoia:

Ser-no-mundo é, antes de tudo, abertura [...] estar aberto para a mundanidade [...] nos planos da relação cognitiva, tecnocientífica, é lidar com as coisas, manter um relacionamento com elas enquanto utensílios [...] ou, enfim, relacionar-se com os outros como pessoas, em um modo de ser-com, de compartilhar [...]<sup>26</sup>

Mas é na “ocupação” que encontraremos a chave para nossa análise material de objetos religiosos. Para Heidegger, como já dito anteriormente, há vários “modos de ser” no mundo. Para estes modos de ser no mundo Heidegger dá o nome de “ocupação”. No entanto, esta “ocupação”, isto é, quando nos ocupamos com algo, este algo não necessariamente é de ordem material ou prática. Segundo Gerner, “modos observacionais de comportamento são tanto instâncias da Besorgen [ocupação] quanto aqueles modos em que se pode dizer que estou fazendo algo para

<sup>21</sup> GIACOIA JUNIOR, O. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013, p. 72.

<sup>22</sup> GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 72.

<sup>23</sup> GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 72-73.

<sup>24</sup> GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 72.

<sup>25</sup> GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 73.

<sup>26</sup> GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 74.

algo ou com algo”<sup>27</sup>, ou seja, a ocupação pode ser, tanto de ordem prática, quanto de ordem teórica ou observacional.

### **A análise material a partir da ideia de “ocupação” do utensílio**

Para os entes que nos ocupamos. Heidegger atribui o nome de “utensílios”. Aqui começamos a desenhar o esboço daquilo que pode ser uma “instrumentalização” da fenomenologia em uma perspectiva material, visto que estes “utensílios” são aqueles entes nos quais nos ocupamos em um sentido de “estar acessível” às nossas mãos. Nesta perspectiva, Gerner explica que, para Heidegger, estes entes (os utensílios) são “entes à-mão ou acessíveis”<sup>28</sup>.

Apesar dos utensílios não estarem intrinsecamente ligados ao campo da manipulação física, para este estudo vamos nos ater aos aspectos físicos destes entes; também aos aspectos físicos da manipulação e relação do Dasein para com estes utensílios. Nesta perspectiva, é necessário compreender qual a ordem de entendimento que deveremos ter com o utensílio para que essa relação seja analisada.

Para Gerner, “a fenomenologia do utensílio é o deixar ver o ser do utensílio”<sup>29</sup>. Em outras palavras, o utensílio não tem a capacidade de se mostrar ele mesmo. É necessário que o Dasein permita que o utensílio faça mostrar o seu ser. “O utensílio mostra a si mesmo; o ser do utensílio precisa ser levado a mostrar a si mesmo”<sup>30</sup>. Em uma perspectiva material, podemos dizer que o objeto de devoção só se mostrará daquela maneira a partir da relação dele com o sujeito que o está manuseando.

Tomemos como exemplo o ato de se “cruzar” um amuleto na Umbanda, isto é, consagrá-lo. Sem entrarmos no mérito do transe, há essa dinâmica, o de “cruzar” um objeto, que pode ser efetuada por qualquer “guia espiritual” que esteja presente (agindo por meio de um médium), geralmente aquele guia que está atendendo o adepto. Portanto, a fim de facilitar a análise, vamos nos ater na figura do Preto Velho.

---

<sup>27</sup> GORNER, 2017, p. 49.

<sup>28</sup> GORNER, 2017, p. 50.

<sup>29</sup> GORNER, 2017, p. 50.

<sup>30</sup> GORNER, 2017, p. 50.



A situação que se apresenta é a de um adepto, enquanto Dasein que se relaciona com os entes do mundo, se dirigindo até um templo de Umbanda e se consultando com um dos Pretos Velhos do lugar. Este Preto Velho ouve o que o adepto tem a dizer e, a partir do relato do seu problema, vai decidir qual o melhor caminho a seguir para resolver aquilo.

Consideremos que o problema relatado pelo adepto era o de um cansaço excessivo, uma “falta de energia”, uma sensação de peso nas costas, como se algo o estivesse “colocando para baixo”. Neste caso, o Preto Velho julga que a melhor maneira de lidar com esse problema seria que o adepto utilizasse uma “guia”<sup>31</sup> no pescoço para a sua proteção. No entanto, essa guia não poderia ser utilizada sem antes passar pelo “cruzamento”, isto é, um tipo de “consagração”, feito pelo próprio Preto Velho. Aqui estamos considerando a “consagração” como o processo de atribuir características divinas ou sagradas ao objeto.

O Preto Velho toma a guia em suas mãos e faz ela passar pelo processo de consagração, pelo “cruzamento”. Interessante pontuar que este ritual de “cruzamento” geralmente apresenta traços claros da cultura material, visto que neste processo geralmente são utilizados os próprios instrumentos “de trabalho” do guia espiritual. No caso do Preto Velho pode ser que estes instrumentos sejam o cachimbo (a própria fumaça do cachimbo é utilizada como “material” para estes rituais), a vela e algum tipo de erva.

Importante pontuar, também, que nessa dinâmica o ator principal permanece sendo o adepto, que em sua posição de Dasein se relaciona com os outros entes. Entre estes entes está o próprio Preto Velho, que só o é, pois, é tomado assim pelo Dasein. Se no lugar deste adepto estivesse um fiel de outra religião, o Preto Velho deixaria de ser Preto Velho para ser tomado por outro ente, e a consagração também não seria uma consagração, mas outra coisa.

Sendo assim, tanto o Preto Velho quanto o ato de “cruzar”, são objetos de devoção do Dasein, enquanto a “guia” a ser consagrada é o utensílio do qual o Dasein

---

<sup>31</sup> A “guia” aqui apresentada seria um tipo de colar utilizado pelo médium (ou por qualquer pessoa, não necessariamente iniciada na religião), que pode servir para proteger o corpo material ou o corpo energético, emanar ou afastar “energias”, canalizar algum tipo de poder mágico ou, simplesmente, simbolizar um guia espiritual ou algum orixá. Essa guia pode ser confeccionada a partir de vários materiais, como contas de plástico, sementes, cristal, porcelana e até mesmo joias, dependendo da sua finalidade.

vai se ocupar. Pois é na “ocupação” do utensílio pelo Dasein que este vai se mostrar como aquilo que ele é, ou, em outras palavras, é o Dasein que vai atribuir o ser daquele utensílio, daquele ente.

Afinal, de que maneira ocorre a ocupação do indivíduo com determinado utensílio? A ocupação do utensílio se dá por meio do ser daquele ente, isto é, o Dasein se ocupa diretamente do ser daquele utensílio. E o ser deste utensílio sempre é completo, constituindo um “todo utensiliar”<sup>32</sup>. Portanto, não é possível algo como um “meio martelo”, uma “meia cadeira” ou um “meio quarto de dormir”. O ser do utensílio sempre é “todo”: a o martelo, a cadeira, o quarto de dormir.

Toda e qualquer parte do utensílio encontra-se no interior de um contexto utensiliar mais amplo. Heidegger nos dá os seguintes exemplos de todos utensiliares: escadas, corredores, janelas, cadeira, bancos, quadro-negro; tinteiro caneta, caneta-tinteiro, papel, mata-borrão, mesa, luminária, móveis, janelas, portas, quarto.<sup>33</sup>

Estes utensílios mostram a si mesmos a partir do emprego que fazemos dele. Se deixarmos o utensílio de lado, ou se apenas observarmos ele de longe, não estaremos permitindo com que o seu ser se manifeste. Segundo Gerner, “é no modo apropriado de lidar com utensílios, de ter algo a fazer com eles, que tais entes mostram a si mesmos.”<sup>34</sup>

O que significa esse “modo apropriado” do utensílio? Esta expressão significa que, é no “martelar” do martelo que ele se mostra como um martelo, por exemplo. Da mesma maneira que é no “sentar na cadeira” que a cadeira vai se mostrar enquanto uma cadeira. Indo mais além, podemos dizer que, a partir deste viés fenomenológico, é no “consagrar” de determinado utensílio que este utensílio se torna “sagrado” para determinado indivíduo.

Portanto, o modo apropriado da “guia de proteção cruzada pelo Preto Velho” só poderá aparecer a partir do contato deste adepto com este utensílio específico. Este mesmo ente, a guia, não poderia ser tomada da mesma forma por alguém que não seja adepto daquela religião, pois o Preto Velho não seria o Preto Velho, a guia não seria a guia, a consagração não seria uma consagração e, sendo assim, a ocupação deste ente não seria a mesma.

<sup>32</sup> GORNER, 2017, p. 53.

<sup>33</sup> GORNER, 2017, p. 53.

<sup>34</sup> GORNER, 2017, p. 54.

Se tomarmos de exemplo uma situação em que não há a crença em Pretos Velhos, incorporação<sup>35</sup> ou esse tipo de consagração (o cruzamento do objeto), os entes envolvidos nesta dinâmica seriam tomados por outras perspectivas, ou seja, o ser daquele ente se mostraria outro. O Preto Velho poderia ser tomado como um homem encenando ser um personagem, a guia nada mais seria do que um tipo de colar ou ornamento sem significado religioso e a consagração poderia ser tomada com estranhamento.

Em outra perspectiva, é possível analisar estes entes como objetos (utensílios) que representam as mesmas coisas para um grupo de pessoas, como é o caso da materialidade das religiões, onde um símbolo ou uma ferramenta pode “carregar consigo” toda uma ancestralidade ou um poder mágico. Porém, mesmo nesse caso, a partir desta abordagem fenomenológica, quem vai fazer esse significado e essa “história” surgirem no objeto é o próprio adepto.

Se tratando de ancestralidade, logo que tomamos o emprego deste termo, somos levados a considerar fenômenos como as tradições orais, que são o meio de comunicação direto entre o sujeito devocional e as suas tradições. Esse quadro fica claro quando nos remetemos, sobretudo, às religiões orais, isto é, que não possuem uma escritura sagrada, uma “revelação”. A Umbanda está neste meio.

Oralidade e corporeidade, portanto, materialidade, estão intimamente ligadas. A tradição oral pressupõe um sujeito transmissor, sujeito este que possui um corpo, e se utiliza dele e de seus sentidos para captar, elaborar e retransmitir aquela determinada tradição. Maria Antonacci, em seu livro “Memórias ancoradas em corpos negros”, escreve:

Tradições orais materializam-se em organizadas palavras comunitárias, uma espécie de enciclopédia da palavra oral, produzida, transmitida e renovada em fazer-se contínuo do corpo e da comunidade. Gêneros orais de comunicação caracterizam-se pela presença marcante de corpos produzidos com fortes vínculos à palavra, considerada na sua formulação e na sua proferição, como um agente ativo, eficaz.<sup>36</sup>

A partir da oralidade, as tradições se organizam de maneira comunitária, se expressando a partir dos utensílios, isto é, se materializando, a partir da ocupação

---

<sup>35</sup> O ato de um espírito de um indivíduo “morto” ou “desencarnado” se aproximar do médium e utilizá-lo como ferramenta para trabalhar no “mundo material” (o mundo dos vivos).

<sup>36</sup> ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2015, p. 43.

destes utensílios por aqueles corpos devotos, que vão atribuir significados aos entes e ir de encontro a eles no mundo. Podemos dizer que é este processo que ocorre dentro de um terreiro de Umbanda, tomando de exemplo o próprio cruzamento da guia pelo Preto Velho.

Não se faz necessária a existência de um livro ou de uma escritura que dite a maneira correta de se fazer um cruzamento de uma guia ou de qualquer outro utensílio devocional próprio da Umbanda, pois o conhecimento destas “técnicas” (não no sentido aristotélicos da palavra) de consagração é passado de geração em geração pela tradição oral. E o que vai fundamentar, dar “credibilidade”, ao conhecimento passado é o corpo; a materialidade.

### **Considerações finais**

É a partir da materialidade do corpo que o adepto vai se relacionar com os aspectos sensíveis da religião, ou seja, é por meio dos nossos sentidos que apreendemos os utensílios de nossa devoção. Tal é a importância de um estudo material das religiões que, a partir deste tipo de análise, é possível trazer para o centro da discussão os aspectos que geralmente não são percebidos ou abordados em outros tipos de estudo.

A fenomenologia se mostra uma ferramenta eficaz neste tipo de abordagem, visto que a redução fenomênica possibilita com que nos atentemos aos fenômenos religiosos sem termos de nos preocupar com o risco de cairmos em algum tipo de análise metafísica do objeto, ou seja, a partir desta perspectiva de análise podemos nos concentrar em algum aspecto específico do objeto sem que tenhamos de lidar com as noções de “sagrado” e “profano”, dogmas e simbologias.

Por fim, vimos que materialidade, corporeidade e oralidade estão interligadas. Portanto, é plausível que o estudo da religião em uma perspectiva material se apresente necessário. Segundo Mohan e Warnier, “todas as técnicas dos corpos dos devotos apoiam-se em culturas materiais específicas tais como o templo, a capela, instrumentos musicais, comida, bebida, vestuário, imagens, objetos sagrados e substâncias”<sup>37</sup>, portanto, o estudo da religião material não se mostra somente

---

<sup>37</sup> MOHAN; WARNIER, 2017, p. 373.

necessária, como também fundamental, visto que é no conjunto das materialidades (como o cachimbo, o chapéu, o banquinho, a roupa, o café e o tremer da perna do Preto Velho) que a religião toma forma.

## Referências

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2015.

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: Na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GIACOIA JUNIOR, O. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GORNER, Paul. *Ser e Tempo: uma chave de leitura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

MOHAN, Urmila; WARNIER, Jean-Pierre. Marching the devotional subject: the body-and-material cultures of religion. *Journal of Material Culture*, v. 22, n. 4, p. 369-384, 2017.

NUNES, Benedito. *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Umbanda e Sociedade Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUZA, Patrícia Rodrigues de. *Religião Material: o Estudo das Religiões a partir da Cultura Material*. 2019. 188 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.